



# VALSA BRANCA

DIALOGO E DUETO

(sobre a "Valse Brune" arr. de A. Tavares)

OF. AO DUO

**Albino Xavier**  
**Marina Santos**

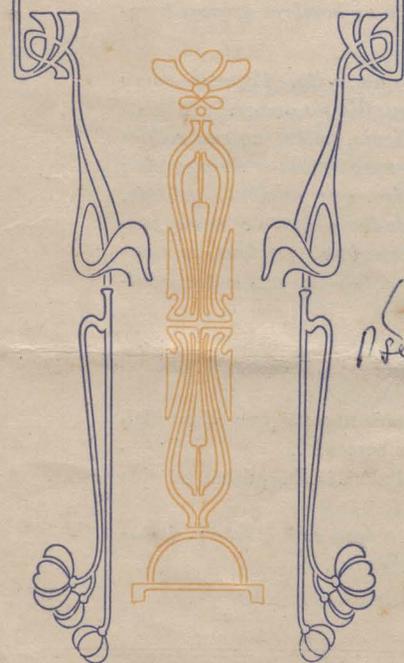
Para a sua festa artistica, no Colyseu

Pelotas, Outubro 1914.

POR

*Serafim Bemol*  
(João Simões Lopes Neto)  
*Pseudônimo - by Simões Lopes*  
Cena única.

PERSONAJENS : ALBA E ZENO



# VALSA BRANCA



## CENA ÚNICA

Noite de luar. Um bosqueté de rozeiras floridas ; a seu tempo algumas rozas se desfolharão, em chuva de pétalas. Ao fundo e lados leve arvoredo formando paisagem adequada. ooooooooooooooooooooooooooooo

### Personajens :

**ZENO** e **ALBA**, velhos, meigos enamorados ; do povo, ambos.

**ELLA**, com seu vestido claro, muito simples ; pequeno fichú traçado. Todo o encanto reside-lhe na cabeça da qual decem sobre os hombros grossas tranças brancas, frouxamente tramadas.

**ELLE**, de escuro, sem colete, a camisa aberta ao peito. Pequeno gorro prende-lhe bastas madeixas, brancas ; um bastão o auxilia no andar.

O par entra vagaroso : sem derriço e sem ridiculo, nobre, na sua velhice aureolada pelo ocaxo do amor. De mãos dadas elles aproximam-se do alegrete ; **ALBA** colhe uma roza e orna a lapela do companheiro, que retribue, galante, curvando dois galhos floridos e com elles emoldurando-lhe o busto : nesse momento desfolham-se algumas rozas. Elles, que então sorriam, pendem as cabeças, pensativos... **ALBA** que apanhou muitas pétalas, fita-as, nas mãos espalmadas ; **ZENO** enche-as de beijos. Pausa.

**ALBA** (mostrando as pétalas que continuam a cair) — Para onde irá a alma das rozas... sabes ?...

**ZENO** — Ilusão... as rozas não têm alma : pois não vês que ellas enfeitam, indiferentes, noivados e orjias, as sepulturas e os berços ?..

A. — Perdão e consolo ! Ai ! que grandeza d'alma ! Eu quizera ter sido roza...

Z. — E eu, um morto, então ! (Ella tapa-lhe a boca com a mão ; depois deixa cair-lhe sobre a cabeça as pétalas que ainda conserva).

A. — Ingrato !... A alma das rozas teceu a rede dos nossos juvenis amores !  
 Z. — Porem fugiu das tuas faces !  
 A. — Para aninhar-se na nossa saudade...  
 Z. — Sim, é certo... perdôa ! Foi com ella que eu cantei a majia dos teus olhos garços... e a doçura dos teus labios... e o negror dos teus cabelos...  
 A. — Foi ella que me segredou o orgulho da tua corajem e a confiança na tua força : e então...  
 Z. — E então, bemdita perfumoza alma !...  
 A. — E desde então... só pelo teu braço atravesssei a vida, aquecida pelo teu amor, tão meu !...  
 Z. — Eu tinha vinte anos ; quinze, tu. Lembras-te ? Eras linda ; petulante, eu ! E tu, só tu, foste a minha radioza alegria ! Formozura e força... Não temiamos o tempo... ; os nossos dias iluminavam a eternidade : o amor... é assim !  
 A. — E por nós passou a onda das lagrimas choradas, tão amargas, de extranhos olhos : pranto e ais dós suicidas que as voluveis impeliram... ; pranto e soluços das desdenhadas que os inconstantes esqueceram... Mas, nós, suprema ventura !... nós... vivemos á parte : vivemos enamorados !  
 Z. — Cegos da propria claridade, sim ! Foi para nós então que, em plena primavera, eu cantei — oh ! tu, coroada de rozas ! — eu cantei o inverno que havia de brilhar nas nossas cabeças...  
 A. — E aqui o temos !... (*segurando as tranças, mirando-as*). Tão negras que foram... soltas, tu a chamavas a tua floresta sombria...  
 Z. — Era o teu manto, minha rainha ! E os meus beijos eram os teus pajens galantes !...  
 A. — Canta ainda, pois ! Quão suave seria a morte si eu morresse embalada na tua voz... e assim... assim... amortalhada entre rozas ! Canta !  
 Z. — E nesse tempo de primavera eu pensava, sem o saber dizer, o que outro veiu a dizer, talvez sem o pensar... ; quando nós fossemos

### « VELHINHOS »

Quando eu for velho e tu tambem já fores,  
 quando tivermos brancas as cabeças,  
 (Do que te digo aqui tu não te esqueças!)  
 Nossa vida será sempre de amores.

Minha roupa trará cheia de flores ;  
 — amorozo serei, sem que tu peças,  
 e beijarei dos teus cabelos, essas  
 madeixas que serão de brancas cores !

Felizes passaremos na velhice,  
 recordando os meus versos que te disse,  
 quando eras tu em plena mocidade ;

E a vida assim será toda de brinco,  
 quando eu tiver... os meus oitenta e cinco  
 e vivermos nós dous duma saudade !...

(*Noronha Guarany -- Rev. da Semana n. 314*)

(*A ponto conveniente do recitativo a orchestra terá encetado, lento e pianissimo, o primeiro trecho da «Valse Brune», que se protonga até o final da seguinte curta declamação, de forma que o 1º ducto se faça a tempo e no tom, no «estribilho» da valsa.*)

A. — (*extaxiada*) Atende... Ouve !... E' a valsa branca !  
 Z. — (*tomando-lhe as mãos*) Não ! E's tu, que falas... é a tua voz... lonje, lonje !  
 A. — Escuta ! E' a saudade, florindo !  
 Z. — Sim, sim : é a saudade... chorando !

DUETO

Ouve!... A valsa branca,  
Abrindo as azas do sonho,  
Traz o passado risonho  
P'ra junto do nosso olhar:  
E revivendo a saudade  
Dos dias que já passaram,  
Os corações que se amaram  
Ouve das rozas a alma cantar!...

*(e ambos escutam atentamente e uma e outra roxa como si efetivamente esta cantasse e assim, um para o outro, gesticulam; e depois, de mãos dadas, enlaçadas as cinturas, fazem um cadenciado «tour de valse».)*

ALBA — Dos namorados, a noite fagueira,  
A imagem querida, vem despertar;  
Tocam-se as mãos, bem junto á rozeira...  
E a ronda das rozas embalsama o ar!...  
E céleres, belos, os olhos profundos  
Buscam nos labios destino feliz...  
Valsam as rozas... no ceu brilham mundos...  
E um ao outro diz:

DUETO

Ouve!... A valsa branca,  
etc.

ZENO — A aurora desponta: cabelo orvalhado,  
As flechas do sol te vão trespassar!...  
Volupia dos labios, perigo dos olhos,  
A ronda das rozas flameja no ar!...  
E trocam-se adeuzes, frementes as vozes,  
As palpebras roxas na gloria da luz...  
— Rozeira bem dita, de espinhos atrozes...  
Tudo, em ti, seduz!

DUETO

Ouve!... A valsa branca,  
etc.

*(E na ondulação lenta da valsa o par se vai alongando, alongando, alongando...)*